

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVIDEO NUNES DE BARROS - CSHNB  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MOHANA JÉSSICA ARAÚJO DAMASCENO

**ACORDES LEGIONÁRIOS: juventude, política e urbanidades nas  
canções da Legião Urbana nas décadas de 1980 e 1990.**

PICOS - PI

2016

MOHANA JÉSSICA ARAÚJO DAMASCENO

**ACORDES LEGIONÁRIOS: juventude, política e urbanidades nas  
canções da Legião Urbana nas décadas de 1980 e 1990**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para conclusão de curso.

Aprovado em 01 de agosto de 2016.

Banca Examinadora:

---

Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito  
Orientador

---

Prof. Me. Raimundo Nonato Lima  
Examinador externo

---

Profª Me. Luis Filipe Brandão de Souza  
Examinador externo

PICOS - PI  
2016

## FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

**D155a** Damasceno, Mohana Jéssica Araújo.

Acordes legionários: juventude, política e urbanidades nas canções da Legião Urbana nas décadas de 1980 e 1990. / Mohana Jéssica Araújo Damasceno. -- Picos,PI, 2016.

46 f.

CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História).

– Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

“Orientador(A): Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito.”

1. Identidade - Juventude. 2. Música – Representação Social.
3. Sociabilidades. 4. Legião Urbana – Banda Rock. I. Título.

**CDD 306**

*Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163*



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao primeiro (1º) do mês de Agosto de 2016, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Mohana Jéssica Araújo Damasceno** sob o título **Acordes legionários: juventude, política e urbanidades nas canções da Legião Urbana nas décadas de 1980 e 1990.**

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador 1: Prof. Me. Luis Filipe Brandão de Souza

Examinador 2: Prof. Me. Raimundo Nonato Lima dos Santos

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,5.

Picos (PI), 1º de Agosto e 2016

Orientador (a): Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador (a) 1: Luis Filipe B. de Souza

Examinador (a) 2: Raimundo Nonato Lima dos Santos

*Aos amantes da Legião...*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, fonte de toda força. A minha mãe Helena Mônica, por cumprir um papel único de ser uma verdadeira mãe e em todos os momentos estar presente, dedicando tudo que possui a favor da minha imerecida pessoa. A meu pai Maciel, por suprir todas as minhas necessidades enquanto filha e por ser um respeitável exemplo de competência, esforço e perseverança em todas as coisas. A minha irmã Monik por me chamar a atenção, me aguentar nos momentos mais tensos, até mesmo ajudar quando eu necessitei em diversos momentos. A meu querido professor Raimundo Lima, que me acompanhou desde o início da graduação e contribuiu muito com seu arcabouço histórico durante o tempo em ministrou algumas disciplinas e me forneceu a maravilhosa oportunidade de participar do projeto de extensão TEMPUS (Teatro Experimental Universitário em Estudos Históricos), que incluiu experiências únicas em minha vida; muito obrigada também por sempre acreditar em mim e por me ajudar quando precisei. A meu querido professor-orientador Fábio Leonardo Castelo Branco Brito, no qual eu tive a oportunidade de acompanhar a sua entrada no Campus e perceber a grande contribuição que fez e faz ao curso de História do Campus de Picos. Fui contemplada da sua competência como professor através de algumas disciplinas e agora mais recentemente pela sua orientação. Muito obrigada por ter me recebido de braços abertos, pela paciência e cuidado demonstrado, Fábio. As pessoas que estiveram do meu lado e se mostraram amigos quando precisei: Jailson Valentim( muito grata a você), Isabel Gomes, que sempre esteve ao meu lado, Leilany Vieira, com a qual compartilhei muitas experiências e preocupações, muito obrigada por tudo gata! Ao meu melhor e querido grupo de trabalho formado por Walton Valdomiro, que com seu jeitinho maravilhoso tornou o ambiente acadêmico mais leve; por Francisca Meneses, que me cobrou e ajudou muito em relação as minhas fraquezas(risos), muito obrigada por sua preocupação sempre; e por fim, por Nádia Narcisa, que literalmente esteve ao meu lado, sempre disponível a tirar minhas dúvidas e do início ao fim da graduação esteve presente. Eternamente grata a Nádia. Jamais esquecerei de vocês, muito obrigada.

*Mudaram as estações  
E nada mudou  
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu  
Está tudo assim tão diferente*

*Se lembra quando a gente  
Chegou um dia a acreditar  
Que tudo era pra sempre  
Sem saber  
Que o pra sempre  
Sempre acaba  
(...)*

*Mesmo com tantos motivos  
Pra deixar tudo como está  
E nem desistir, nem tentar  
Agora tanto faz  
Estamos indo de volta pra casa.*

*(Legião Urbana, Por enquanto, 1985)*

## RESUMO

Destacando aspectos sociais, políticos e urbanos em suas composições musicais, a banda Legião Urbana se torna um dos principais intérpretes da juventude brasileira, notavelmente na década de 1980, momento em que o país passava por uma fase de transição da ditadura para a democracia. Renato Manfredini Júnior, fundador, compositor e vocalista da Banda, expressa sua vida, seu cotidiano, sua crítica, seus medos, ansiedades e desejos. Expressa ao mesmo tempo o olhar peculiar da sociedade, sobretudo a juventude exposta a mudanças, restrições e inovações, rupturas e continuidades. Tal sociedade agora sujeita a novas formas de pensar, novas formas de se comportar e de atuar socialmente. Partindo das sensibilidades juvenis, política e Urbanidade, evocaremos as letras da Legião Urbana nos discos da banda (*Legião Urbana*; 1985; *Dois*; 1986; *Que país é este*; 1987; *O descobrimento do Brasil*; 1993) e *Uma outra estação*; 1997), pretendo discutir como Renato Russo representa em si a maneira de pensar juvenil brasileiro, diante das questões políticas e urbanas na década de 1980.

**PALAVRAS-CHAVE:** Renato Russo; Legião-Urbana ; Jovem ; Rock; Brasil.

## **ABSTRACT**

Highlighting social, political and urban aspects in their music, the Legion Urbana band becomes one of the leading interpreters of Brazilian youth notably in the 1980, when the country was undergoing a transition from dictatorship to democracy. Renato Manfredini Jr., founder, composer and singer of the band expressed their life, their daily lives, their criticism, their fears, anxieties and desires. Expresses at the same time the peculiar look of society, especially the youth exposed to changes and innovations restrictions, ruptures and continuities. Such a society now subject to new ways of thinking, new ways of behaving and acting socially. Starting from the youthful sensibilities, political and Urbanity, evoke the lyrics of Keith Urban on the discs of the band, (Urban Legion, 1985; Two, 1986; What country is this, 1987; The discovery of Brazil (1993) and Another station, (1997), I intend to discuss how Russo is itself a way of thinking young Brazilian, given the political and urban issues in the 1980s.

**KEY-WORD:** Renato Russo; Legion-Urbana; Young; Rock; Brazil.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 10 |
| CAPÍTULO 1 - “PERDIDOS NO ESPAÇO”: cotidiano e identidades juvenis nas décadas de 1980 e 1990 .....       | 16 |
| 1.1. A geração pautada no Rock e no desequilíbrio .....   | 16 |
| 1.2. A influência internacional absorvida por Renato e a <i>vibe</i> do momento nas letras da Legião..... | 19 |
| CAPÍTULO 2 - URBANIDADE E LEGIÃO: cantar música urbana.....   | 30 |
| 2.1. Aspectos da cidade: o meio “urbano” .....  | 30 |
| 2.2. Jovens, política, violência e criminalidade: O meio Urbano e seus males reais.                       | 35 |
| REFERÊNCIAS .....   | 43 |
| FONTES.....   | 46 |

## INTRODUÇÃO

Era Novembro, 1986. Uma manhã nebulosa e cinzenta tornava presente todas as reflexões e memórias que um dia sufoquei. Um vento frio apenas completava o momento que agora eu me encontrava, porém um pouco mais sentido. Literalmente, uma agonia era guardada de forma cada vez mais intensa, um pesar que também não era possível conter. Mas não, não houve percas literais, todos os meus amores encontram-se presentes- em algum lugar, mas se encontram. Apenas não sei quando vê-los, ou se ao menos encontrarei vivos e em condições razoáveis, se essa situação é geral. Minha carteira está vazia, zerei o meu saldo depois daquela propaganda intimidadora, capitalismo infernal que está mais perto de mim a cada dia. Mas a guerra? A guerra continua, como esse vento frio que me permeia, não me traz feridas expostas, mas me deixa completamente devastado nesse marasmo, onde eu reflito o que é ser jovem nesse clima ainda tenso. Sorte a minha ainda respirar, poderia estar pior, a repressão ainda existe em todo lugar, de diferentes formas, o racismo existe de uma maneira irremediável, a sociedade é moralista, consumista, economicista e tecnocrata. É imposto o que eu devo fazer e como devo fazer, que postura eu devo tomar, quem devo defender, e até mesmo o que eu devo pensar. A ditadura? Ela “se passou”, mas a realidade é praticamente a mesma. Tudo isso na tentativa de um equilíbrio disfarçado que na verdade não existe, que na verdade é totalmente instável. E nessa depressão infinda, eu percebo que não é apenas um dia cinzento com um vento frio que me toca profundamente, é uma realidade obscura na qual eu realmente pertencço. Não há nada a fazer, isso me sufoca, de modo que minha única e maior vontade é pegar meu intrigante LP da Legião Urbana, topar seu volume, e beber o meu pileque, junto ao consumo do meu cigarro. Eu me encontro e me absorvo naquilo. Ao tocar “Será”, é exatamente o que eu sinto...

Tire suas mãos de mim  
Que eu não pertencço a você  
Não é me dominando assim  
Que você vai me entender  
Eu posso estar sozinho  
Mas eu sei muito bem onde estou  
Você pode até duvidar  
Acho que isso não é amor

Será só imaginação?

Será que nada vai acontecer?  
 Será que é tudo isso em vão?  
 Será que vamos conseguir vencer?  
 Ô ô ô ô ô ô ô ô

Nos perderemos entre monstros  
 Da nossa própria criação  
 Serão noites inteiras  
 Talvez por medo da escuridão  
 Ficaremos acordados  
 Imaginando alguma solução  
 Pra que esse nosso egoísmo  
 Não destrua nosso coração

Será só imaginação?  
 Será que nada vai acontecer?  
 Será que é tudo isso em vão?  
 Será que vamos conseguir vencer?  
 Ô ô ô ô ô ô ô ô

Brigar pra quê  
 Se é sem querer  
 Quem é que vai nos proteger?  
 Será que vamos ter  
 Que responder  
 Pelos erros a mais  
 Eu e você?<sup>1</sup>

Essa pessoa em questão é fictícia. Essa história, de autoria própria, foi criada com o objetivo de construir nesse texto apenas um imaginário inicial a respeito de uma determinada geração. Certamente, muitos jovens que viveram entre a 2ª metade da década de 1980 e a 1ª metade da década de 1990, vivenciaram uma situação semelhante ou próxima do que percebemos nesse jovem. Momento esse em que emerge após o auge do movimento punk, uma banda de rock que obtém destaque nacional e internacional, a banda de rock que praticamente traduz a mentalidade dessa geração. A Legião Urbana se configura em meio a um debate político, social e econômico que permeia o momento pós-ditadura em 1985, quando ela chega ao fim, e o início da redemocratização que ocorre no país.

Mas, qual era a ideia de juventude durante essas décadas? O que era o ser jovem no período pós-ditadura, onde ele ainda a vivencia, porém já está começando a olhar para fora dela? Partiremos do conceito de representação para correlacionar o cantor e compositor Renato Manfredini Russo como intérprete do pensamento

---

<sup>1</sup> Legião Urbana. **Será**. Álbum “Legião Urbana”. OMI-ODEON, 1985.

juvenil no Brasil, onde ele representa em si esses jovens engajados em uma discussão política e teórica em meio ao caos de dúvidas, imposições e desejos.

Saudade, palavra que se define como sendo a lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhadas do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las, diz uma certa maneira de viver e pensar o tempo e, com ele, a história. A saudade é a constatação de ausência e morte e esperança de presença e ressurreição.<sup>2</sup>

A História nos permite apropriar-se de relatos passados, de documentos escritos, de imagens, de literaturas e as mais diversas fontes que dialogam com o pesquisador em busca de uma realidade histórica. Da mesma maneira, a música ou um personagem representante dela são uma fonte rica de memórias a respeito de uma determinada época, guardando a saudade que representa o que se viveu, e junto dela a própria realidade resgatada de uma forma subjetiva. As letras da banda Legião Urbana, escritas por Renato Russo, caracterizam a saudade de uma realidade que se foi; porém, ao serem novamente ouvidas, são vivificadas e interpretadas<sup>3</sup>.

Dentro da História Cultural, as práticas cotidianas de uma determinada sociedade em uma dada época são analisadas de acordo com suas relações e sob a forma que o mundo é encarado. “A história cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado”<sup>4</sup>. Dentro de um viés cultural, Sandra Jatahy Pasavento relaciona as “representações” como um meio de construção de identidades históricas, onde coexistem o representante e o representado, e onde ambos possuem relações de semelhança. Ela destaca que “Representações são presentificações de uma ausência, onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento”<sup>5</sup>.

Desse modo, o representante ocupa o lugar do representado, mesmo estando num ambiente diferente, ou até mesmo em um momento diferente. Porém,

<sup>2</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **As sombras do tempo A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história**. IN História e Sensibilidade ERTZOGUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes Brasília: Paralelo 15, 2006.

<sup>3</sup> Tal possibilidade tem como um de seus lastros os debates sobre a história cultural e a nova história cultural. Ver: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

<sup>4</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

<sup>5</sup> Idem, **Cultura e representações: uma trajetória**. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006.

elementos que ambos possuem em comum irão estabelecer a sua aproximação. Tal linha de pensamento segue Roger Chartier, onde as representações se baseiam nos diferentes discursos e a relação de representação é entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente.

Imagens pictóricas, discursos poéticos e lendas são representações do mundo que se oferecem ao historiador como portas de entrada ao mundo das sensibilidades da época que as engendrou. Se a definição aristotélica as coloca do lado das coisas não verdadeiras, por contraste à história, narrativa do acontecido, tais representações, contudo, não deixam jamais de ter o real como referente. Seja como confirmação, negação, ultrapassagem, transformação, inscrição de um sonho, fixação de normas e códigos, registro de medos e pesadelos, exteriorização de expectativas, a arte é um registro sensível no tempo, que diz como os homens representavam a si próprios e ao mundo.<sup>6</sup>

A música é esse registro que guarda as impressões de vida de uma determinada época, resgatando as lembranças, o imaginário e as simbologias que podem se aproximar de uma realidade passada. Como uma arte, uma pessoa pode atuar como representante de um determinado comportamento e/ou pensamento, onde mesmo sendo detentor de um ponto de vista pessoal, direcionamento ou um imaginário fictício para dar ênfase ao que se escreve e a ideia que se quer transmitir, não se desvincula da referência do real e não representa absolutamente o mesmo. Renato Russo encontra-se inserido dentro desse contexto de discussões acerca das décadas de 1980 e 1990 com relação à juventude do rock, que vinha apresentando novas formas de se pensar uma realidade crítica inserida ao período.

Sendo peça fundamental para a composição da banda Legião Urbana, Renato Russo expressa sua vida, seu cotidiano, sua observação, sua crítica, seus medos, ansiedades e desejos, denotando características distintas como a desilusão e a desesperança; a construção de um mundo melhor; a religiosidade de diferentes formas; a crítica e a alusão a novos posicionamentos. Suas composições representam de maneira muito autêntica o “objeto”, no caso o jovem que não estava ali realizando composições para expressar o seu estado interior, mas apropria-se da expressão do próprio Renato para fazer isso.

O interesse inicial em trabalhar a temática da presente pesquisa se deu em ocasião do 7º período, a partir da paixão pela música e discussões com o professor

---

<sup>6</sup> PESAVENTO, S.J. **Este mundo verdadeiro das coisas de mentira**: entre a arte e a história. Estudos históricos, 1(32), Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2002, p.57.

Raimundo Lima, que já realizava estudos na área. A escolha da Legião Urbana se deu por motivos de admiração à intelectualidade de Renato Russo e como ele apropria-se dela ao despertar críticas sociais, a tratar de assuntos que fazem parte da nossa vida em seus diversos aspectos.

A respectiva pesquisa tem por justificativa a necessidade de entender aspectos da cultura histórica do nosso país, que vem norteando e construindo as bases de um padrão de cultura firme, diversificado e atuante nas relações cotidianas. Entender as transformações e influências que sobrepujaram o pensamento juvenil em meio a década de 1980 é importante para identificarmos as rupturas e as continuidades em relação ao momento em que nos encontramos e no meio que nos inserimos.

O principal objetivo será analisar como Renato Russo representa em si a maneira de pensar juvenil brasileiro diante das questões políticas e urbanas, entre a segunda metade da década de 1980 e primeira metade da década de 1990. Para o desenvolvimento deste trabalho, serão utilizadas principalmente as letras de músicas como fontes, compostas por Renato Russo por ocasião dos discos: Legião Urbana (1985), Dois(1986), Que país é este (1987), O descobrimento da Brasil (1993), e Uma outra estação(1997). Estes percorrem o momento histórico deste o fim da ditadura militar e redemocratização, sendo importante destacar que esses discos se encontram em atravessamentos temporais diversos e que isso implica uma discussão de acordo com as diversas relações com o tempo no qual são estabelecidas.

As letras serão repassadas e em seguida passarão por um processo de análise de acordo com cada tema abordado. Elas serão as principais fontes de discussão dos temas juventude, política e urbanidade a serem trabalhados. Além da análise do discurso musical, serão utilizadas fontes hemerográficas como forma de pensar a época através da imprensa. A revista Veja, por exemplo, acompanhou e noticiou o período, registrando informações sobre a juventude presente e suas relações em torno da música e das questões sociais, políticas e urbanas.

O primeiro capítulo apresentará uma visão particularizada a respeito de qual era a ideia de juventude em meio a essas décadas, o que era ser jovem em tal momento histórico e as influências que permeava tal pensamento. Também destacará a abordagem feita por Renato Russo em relação a alguns temas comuns à sociedade. O segundo capítulo tratará a respeito do *ethos* urbano que está

presente nas canções da Legião, o que seria a representação da cidade nesse momento histórico, o que é esta cidade, por que *Legião* e por que *Urbana*. Partiremos do método de cartografar as representações da cidade, com base nas múltiplas cidades que Renato Russo aborda. Será importante destacar o seu olhar crítico sobre elas, como pensa a questão da cidade e a questão de vivenciá-la.

No decorrer desses capítulos, encontraremos a questão política intrínseca e permeando todas as questões juvenis e urbanas nas relativas décadas. Considerando o momento político do Brasil no qual a Legião se posiciona, trataremos de uma dimensão política presente em praticamente toda a discografia da Legião Urbana, contextualizada e problematizada dentro do viés juvenil. É no período compreendido entre a ditadura e o processo de abertura política que se constitui no Brasil a juventude urbana politizada que a Legião representa.

## CAPÍTULO 1 - “PERDIDOS NO ESPAÇO”: cotidiano e identidades juvenis nas décadas de 1980 e 1990

É só você quem deve decidir o que fazer  
 Pra tentar ser feliz  
 Parece energia, mas é só distorção  
 E parece que sempre termina  
 Mas não tem fim.  
 ( Legião Urbana, Teorema, 1985)

### 1.1. A geração pautada no Rock e no desequilíbrio

Se não detemos lembranças dessa época, possuímos familiares e amigos que presenciaram tal momento. Alguns de maneira mais inserida nas questões existenciais, outros de maneira mais afastada, porém também sentida, de modo que passamos a conhecer também os fatos até mesmo por ouvir relatos de como se sucederam, isso desperta nossa curiosidade através das mudanças e permanências, das perspectivas e realizações concretizadas pela sociedade jovem.

Quando pensamos em tal geração, somos levados a refletir exatamente no conceito de geração, seus conflitos, esclarecimentos e como ela é perpetuada e constituída através do momento pelo qual é definida. Entendemos por geração um determinado grupo de pessoas que partilham o mesmo momento histórico, e em virtude desse fato essas pessoas absorvem os mesmos padrões, ideais e comportamentos que vão sendo difundidos através dos meios de comunicação em massa, por meio de notícias, das artes e da música.

Zygmunt Bauman destaca que “As fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente não podem ser ignoradas”<sup>7</sup>. Tais fronteiras existem pela diferença de valores e comportamentos, mas ao mesmo tempo podemos perceber que as fronteiras que separam uma geração da outra não são realmente nítidas ao nosso olhar, porém se definem mesmo dentro da sua imprecisão.

Portanto, utilizaremos o termo geração para definir uma sociedade que se depara com uma realidade sombria, repleta de repressões e obscuridades e uma sociedade que vive um momento de transição não apenas política, mas também ideológica em que essas pessoas acabam por identificarem-se na modalidade

<sup>7</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

musical do rock, cujo estilo e repertório irão expressar seus mais variados sentimentos, principalmente os sentimentos de inquietação e revolução.

Para entender a geração dos anos 1980, precisamos remeter à juventude dos anos 60 e 70, que se encontram intimamente ligadas. Nas décadas de 60 e 70, era vivenciado um Brasil que estava começando a se apropriar de uma série de “signos” estéticos, políticos, ideológicos, comportamentais, como por exemplo as vanguardas artísticas da Europa, que chegavam nos anos de 1960, as vanguardas musicais, como é o caso dos Beatles, o “iê iê iê”<sup>8</sup>, o Rock in Roll<sup>9</sup>. Uma série de inovações irão aparecer a partir da década de 60 e 70 e esse caldo cultural é marcado pela ideia de transgressão, pela emergência do Movimento Hippie, dentre outros.

Caio Fernando de Abreu, em seu livro intitulado *Morangos Mofados*, descreve que o jovem dos anos 80 não era um jovem esperançoso, como se portavam os jovens da década de 1960 e 1970, mas sim que se tratava de um jovem depressivo, aprisionado em um sistema instável, tenso e sombrio.

As pessoas se transformavam em cadáveres decompostos à minha frente, minha pele era triste e suja, as noites não terminavam nunca, ninguém me tocava, mas eu reagi, despirei, voltei a isso que dizem que é o normal, e cadê a causa, meu, cadê a luta, cadê o po-ten-ci-al criativo? Mato, não mato, atordôo minha sede com sapatinhas do Ferro's Bar ou encho a cara sozinha aos sábados esperando o telefone tocar, e nunca toca, neste apartamento que pago com o suor do po-ten-ci-al criativo da bunda que dou oito horas diárias para aquela multinacional fodida. Mas, eu quero dizer, e ela me corta mansa, claro que você não tem culpa, coração, caímos exatamente na mesma ratoeira, a única diferença é que você pensa que pode escapar, e eu quero chafurdar na dor deste ferro enfiado fundo na minha garganta seca que só umedece com vodca, me passa o cigarro, não, não estou desesperada, não mais do que sempre estive, nothing special, baby, não estou louca nem bêbada, estou é lúcida pra caralho e sei claramente que não tenho nenhuma saída, ah não se preocupe, meu bem, depois que você sair tomo banho frio, leite quente com mel de eucalipto, gin-seng e lexotan, depois deito, depois durmo, depois acordo e passo uma semana a banchá e arroz integral, absolutamente santa, absolutamente pura, absolutamente limpa, depois tomo outro porre, cheiro cinco gramas, bato o carro numa esquina ou ligo para o cvv às quatro da madrugada e alugo a cabeça dum panaca qualquer choramingando coisas tipo preciso-tanto-uma razão- para-viver-e-sei-que-essa-razão-só-está-dentro-de-

<sup>8</sup> Rock'n'roll brasileiro da década de 1960. O termo surgiu a partir da expressão yeah, yeah, yeah, presente em algumas canções dos Beatles, como She Loves You, por exemplo.

<sup>9</sup> Estilo musical que surge nos Estados Unidos no final dos anos 1940 e início dos anos 1950. Normalmente, nessas bandas de Rock, além do instrumento predominante- a guitarra, são formadas por um contrabaixo (após 1950, um baixo elétrico) e uma bateria.

mim-bababá-bababá e me lamurio até o sol pintar atrás daqueles edifícios sinistros, mas não se preocupe, não vou tomar nenhuma medida drástica, a não ser continuar, tem coisa mais autodestrutiva do que insistir sem fé nenhuma?<sup>10</sup>

Nesse relato do segundo conto de *Morangos Mofados* intitulado “Os Sobreviventes”, nota-se de forma intrínseca que Caio Fernando de Abreu olha para a década como um momento em que as esperanças morreram, pois a esperança de um mundo melhor começa a recrudescer. A depressão, tédio e falta de esperança é algo presente sempre, percebemos quando ele relata que “As noites não terminavam nunca”, “encho a casa sozinha aos sábados esperando o telefone tocar e nunca toca”.

Não parece ser mais desespero porque esse estado já perdura tanto tempo que já é encarado como algo normal devido às condições continuarem as mesmas, é evidente que não existe saída: qualquer que seja ela, é ilusão. A sociedade é massificada e ninguém faz nada: “meu, cadê a luta, cadê o po-ten-ci-al criativo?” Os desígnios da própria pós-modernidade se tornam evidentes, como o uso de drogas, bebedeiras, paranoias, DSTs (notavelmente a AIDS, mal estar dos anos 80) e desencanto fazem parte da realidade juvenil.

Os anos 80, em nível global, são marcados pela influência de um amplo conjunto de produções musicais. No caso específico do rock, por exemplo, também era feita uma relação com o que era ser jovem. O jovem nos anos de 1960 e 1970 estava protestando contra a política armamentista, contra a Guerra Fria, contra as Guerras de maneira geral. A lógica dos Híppies, por exemplo, era: “Faça amor, não faça guerra”, realizando uma denúncia ao crescente armamento do Planeta.<sup>11</sup>

De tal maneira, a ideia juvenil na década de 70 ainda é caracterizada pela lógica do “Queremos chegar a um mundo melhor!” ou pelo “iê iê iê”, que era um estilo mais alegre, onde as guitarras elétricas substituíam o violão. O punk Rock irá aparecer no final da década, representando o movimento musical que envolvia uma música rápida com uma estética pesada e grosseira, que abordava questões sociais, políticas e revolucionárias. Entretanto, nos anos 80 há outros signos da juventude que irão aparecer: o grupo da Legião Urbana emerge nesse contexto.

---

<sup>10</sup> ABREU, C.F. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p.8.

<sup>11</sup> CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de paupéria**: Torquato Neto e uma contra-história da tropicália. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 2004.

Dessa forma, a juventude da década de 1980 era marcada por símbolos como o punk rock, presente no aborto elétrico, de modo que a ideia de juventude que aparece no Brasil tem essas referências, não sendo mais o movimento hippie que luta a favor do capitalismo e está querendo paz e amor. Embora muitos jovens ainda se encontrem ligados a esse pensamento e não estão querendo se desvincular dessa lógica capitalista, outros estão lutando contra ele de uma forma mais aguerrida, pois é o momento da guerra fria no seu término, onde muitos se manifestam contrários ao capitalismo, mas também contra o socialismo, onde a própria União Soviética não apresentava boa perspectiva.

Renato Manfredini Junior, fundador, compositor e vocalista da banda Legião Urbana na fase do Aborto Elétrico<sup>12</sup> era um Renato punk, que até mesmo mostrava isso no modo de se vestir, usando preto, roupas rasgadas, alfinetes no corpo, invadiam festas, faziam bagunça, pichações, dentre outras coisas que evidenciavam o estilo do punk rock. Dessa maneira, ele atuou como receptáculo dos novos signos da música e do comportamento ético e estético dessa época. Ele vivia em Brasília, cidade que possuía o máximo de contato com o mundo exterior, como embaixadores, bancários, políticos, de modo que as coisas chegavam muito rápido para Renato, que era de classe média alta, filho de um bancário.

Tratando da situação do Brasil na década de 1980-90, ele faz questão de destacar a sua vivência em um mundo que particularmente o revoltava. Renato coloca: “O que tem hoje no Brasil é que o jovem tá sendo massacrado, e a gente não sabe mais pra onde ir. E que as pessoas já não tem mais um senso de civilidade e respeito.”<sup>13</sup> Tal posicionamento denota seu incômodo devido as condições da sociedade, principalmente da sociedade jovem, que era futuro da nação, mas se encontrava invalidada, sem perspectiva de desenvolvimento.

## **1.2. A influência internacional absorvida por Renato e a *vibe* do momento nas letras da Legião**

Com a absorção internacional das bandas de rock, que chegam ao Brasil ainda na década de 1950, como por exemplo o The Platters, Little Richard, muitos

---

<sup>12</sup> Banda que marcou o início da carreira de Renato Manfredini Júnior, formada por ele, André Pretorius e Fê Lemos. Foi ativa no período de 1978 à 1981.

<sup>13</sup> ENTREVISTA da MTV realizada por Zeca Camargo à Renato Russo, em 26 de Março de 1993. Vídeo postado no youtube por Legião Urbana e Grandes Artistas em 27 de mar de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mvP2LzTpfjw>. Acesso em: 13 de janeiro de 2016.

jovens no Brasil, pelo menos os que tinham acesso, se tornaram realmente fãs e imitadores do estilo “Rock in Roll”. Mas foi de fato na década de 1980 que houve o *boom* do rock no Brasil, o chamado “BRock”<sup>14</sup>, pois na década de 1970 ele já havia se consagrado. Em 1985, Renato Russo aparece como um exemplo de jovem que absorveu o rock inglês e americano. Como ele destaca:

“A gente ficava o ensaio inteiro tocando “Now I wanna sniff some glue” dos Ramones e treinando: “Não! Vamo de novo! Now I wanna sniff some glue, um dois, três, quatro, cinco, não errou vamo de novo!” E a gente ficava meses, até que a gente foi ver como funcionava, a gente aprendeu a tocar “Problems” e tudo.[...] “Aí eu me lembro que a gente ouvia muito Stooges, muito MC-5, e também as bandas Pucks todas né.. Slaughter & the Dogs, Sham 69, nossa tinha umas coisas que, sabe umas coisas, ainda não tinha aparecido... as bandas mais progressivas, digamos, New Order, essas coisas não tinha ainda, até Joy division foi aparecer depois, The cure no começo era tudo rapidinho também. E assim, isso foi em 1978/1979, e aí o aborto elétrico durou, acho que até 82. [...] Uma banda pesada, rápida a primeira que eu me lembro foram os Dead Kennedys, isso já era 80 e tantos, eles não eram dessa primeira fase, e já quando terminou os Sex Pixous, o Sid Vicious morreu e o Jonh Lydon fez o Public Image, aí eu mudei completamente, eu falei assim: “É isso o que eu sempre quis!” Então as minhas bandas favoritas era o Gang of Four, Public Image, o The Cure, eu ouvi muito o Cure, até o “Pornography” ou “Lovecats”, porque de repente aí virou uma coisa mais Pop, era bacana, tocava em festas mas eu não me ligava tanto. Ouvi muito Siouxsie e the Banshees, os dois primeiros discos.[...]”<sup>15</sup>

Podemos observar que Renato Manfredini Júnior se enquadrava em grupo de jovens de classe média alta, que possuía afinidade pela música em seus diversos aspectos, em especial o rock. Possuía acesso ao que vinha de fora do país e passou a apropriar-se de todas as suas técnicas para constituir o rock brasileiro com olhar crítico na década de 1980. Todas essas bandas inglesas e americanas, como por exemplo Ramones, Sex Pixous, e outras, se classificavam como punks e realizavam uma crítica severa ao capitalismo, contra a ordem em movimento contra cultural.

<sup>14</sup> Rock Brasileiro da década de 1980. Arthur Dapieve trata do pop-rock brasileiro que se consolidou naquela década, do começo de tudo, passando pela Jovem Guarda, Raul Seixas e Mutantes até a explosão roqueira nos anos 80, fazendo um panorama social e político do Brasil daqueles tempos, já sob a inclusão posterior de Titãs, RPM, Ultraje a Rigor, Legião Urbana, Blitz, Barão Vermelho, Paralamas do Sucesso e Engenheiros do Hawaii, dentre outros. Ver: DAPIEVE, Arthur. Brock: **O rock brasileiro dos anos 80**. 3. ed. São Paulo : Editora 34, 2005.

<sup>15</sup> ENTREVISTA da MTV à Renato Russo. Vídeo postado no youtube por Legião Urbana e Grandes Artistas em 23 de mar de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8S3tNW3tY8>. Acesso em: 13 de janeiro de 2016.

Ao observar os primeiros discos da Legião, álbuns como: “Legião Urbana” de 1985, “Dois”, de 1986, “Que país é este” de 1987 e “As quatro estações” de 1989, percebemos que as sonoridades e as letras das músicas produzidas por Renato se aproximam também com The Smiths (banda de rock Britânica de 1982). Embora não citada nesta entrevista por ele, também bandas como Joy Division, The Cure e Ramones possuem extrema semelhança com o estilo pós punk que o Legião desenvolve em 80: Joy Division, com o seu tom melancólico e depressivo; The cure e Ramones, com um ritmo mais acelerado e um pouco mais pesado, de modo que essas características passaram a compor a forma triste, indignada e crítica que a Legião toma nos primeiros LPs.

[...] até que alguém teve a ideia brilhante: “Gente, em vez de ficar tocando essas músicas, vamo tocar música da gente também, pra falar da UNB, de Brasília, Brasil e tudo né, que era esse o lance: “Monte sua própria banda e fale o que vc tem a dizer! [...], então a gente ficava andando naquela variante do Fê e ouvindo: “He’s lost control again” e a gente achando que a gente sofria. “Como o mundo é injusto! E tudo, e essa cidade é um tédio, não tem nada pra fazer, ninguém conhece Rock ‘in’roll, e a gente quer montar uma banda e tudo, e arrumar as meninas e ir pra festa e não sei o quê blá blá blá..”<sup>16</sup>

A Legião se configura como uma banda de rock que dá ênfase até mesmo de forma excessiva na construção de críticas sobre as questões políticas e sociais que os afetavam naquele momento. A canção *Será*, apresentada na introdução do presente trabalho é uma prova clara disso. Logo no início, quando ele fala: “Tire suas mãos de mim/ Que eu não pertenço a você /Não é me dominando assim/ Que você vai me entender/ Eu posso estar sozinho/ Mas eu sei muito bem onde estou.” é apresentada a ideia de dominação, fazendo alusão supostamente a ditadura que acabara de terminar, porém ainda é sentida.

*Será* é lançada em 1985 no primeiro LP da Legião Urbana, exato período de redemocratização, fim da ditadura militar, onde era presente a resistência política e de grupos armados que lutavam pela liberdade de expressão e comportamento. “Será só imaginação?/Será que nada vai acontecer?/Será que é tudo isso em vão?/Será que vamos conseguir vencer? Quem é que vai nos proteger?/Será que vamos ter que responder/Pelos erros a mais/Eu e você?”.

---

<sup>16</sup> Idem.

Sentimentos de dúvidas eram algo constante. A dúvida se realmente não haveria mudanças drásticas, se o Brasil continuaria um país essencialmente agrário, onde a pobreza prevalece e um lugar que não existem opções de desenvolvimento, muito menos diversão e lazer. Outra indagação na mente juvenil era sobre quem poderia oferecer proteção das ameaças do regime Militar, ou se realmente estariam sozinhos à mercê de toda essa violência.

A música era a alternativa encontrada para a solução de muitos problemas, inclusive o desejo insaciável de “desabafo”. Renato Manfredini atua como intérprete do pensamento juvenil da época, no entanto ele mesmo, sua banda e as pessoas do meio em que vivia eram de família de classe média alta, de modo que esse “sofrimento” era psicológico, e de incômodo emocional devido à falta de “liberdade” de gostos, valores e expressões. O sofrimento de forma direta era vivenciado por jovens que enfrentavam o desemprego, a crise econômica, a falta de opções e de condições para a acessibilidade à diversão, lazer, saúde e educação.

Já Renato e seu grupo integrante formado em Brasília eram parte dos jovens que demonstrava a sua inquietação em meio às condições de tédio, depressão e desesperança, com imensurável desejo de construção e desenvolvimento pessoal e coletivo, de modo que o objetivo inicial das suas composições foi exatamente realizar uma crítica em torno do que estava sendo vivenciado em Brasília e espalhado no restante do país. Diante do caos existente e do tédio resultante dele, a saída que esses jovens encontravam era expressar de alguma forma suas inquietações. Era uma forma de “desabafo” e ao mesmo tempo uma forma de acordar outras pessoas para essa realidade e conseqüentemente conseguir mais adeptos ao seu “protesto”.

Você é tão moderno  
Se acha tão moderno  
Mas é igual a seus pais  
É só questão de idade  
Passando dessa fase  
Tanto fez e tanto faz

Você com as suas drogas  
E as suas teorias  
E a sua rebeldia  
E a sua solidão  
Vive com seus excessos  
Mas não tem mais dinheiro  
Pra comprar outra fuga  
Sair de casa então

Então é outra festa  
 É outra sexta-feira  
 Que se dane o futuro  
 Você tem a vida inteira  
 Você é tão esperto  
 Você está tão certo  
 Mas você nunca dançou  
 Com ódio de verdade

Você é tão esperto  
 Você está tão certo  
 Que você nunca vai errar  
 Mas a vida deixa marcas  
 Tenha cuidado  
 Se um dia você dançar

Nós somos tão modernos  
 Só não somos sinceros  
 Nos escondemos mais e mais  
 É só questão de idade  
 Passando dessa fase  
 Tanto fez e tanto faz<sup>17</sup>

Em meio à modernidade<sup>18</sup>, com a ascensão do capitalismo, novos padrões estéticos eram apropriados, no entanto, os ideais da modernidade eram internalizados de forma lenta, de modo que Renato faz uma crítica chamando a atenção dos jovens para uma “revolução” não só estética, mas de valores comportamentais, com o objetivo de mudança e distanciamento de uma geração massificada e presa ao tradicional. O jovem alienado às teorias modernas se entregava deliberadamente aos vícios, como as drogas, as bebedeiras e conseqüentemente a um comportamento rebelde, onde chegavam a invadir festas, fazer pichações, dentre outras coisas.

Dessa forma, a juventude estava sujeita a desilusões, sentimentos pessimistas de ódio e solidão, pois se encontrava perdida e completamente desorientada. Tal condição muitas vezes os levavam a cometer atos suicidas ou atos contra as leis da sociedade, como roubos e homicídio. O próprio Renato Russo em determinada ocasião chegou a cortar os pulsos depois de uma longa bebedeira. Podemos claramente perceber na letra de “A Dança” que a juventude dos anos 80,

<sup>17</sup> Legião Urbana. **A dança**. Álbum “Legião Urbana”. OMI-ODEON, 1985.

<sup>18</sup> Para maior compreensão do conceito de “Modernidade” ver: BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade. Trad. Carlos Moisés e Ana Maria Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986 e LEFEBVRE, H. **Introdução à modernidade**: prelúdios. RJ: Paz e Terra, 1969.

principalmente em sua segunda metade, era um jovem que não via expectativa de futuro.

Ao pensar na década de 1980 tratamos de um período político conservador, onde os jovens não compartilhavam e dificilmente internalizavam tais padrões políticos e sociais, ainda refletindo os “anos de chumbo”<sup>19</sup> (resistência política do movimento estudantil e de grupos armados); eles lutavam pela liberdade de expressão e comportamento. Em meio a tais condições, os sentimentos de revolta, depressão e pessimismo permeiam toda a década, inclusive início dos anos noventa, como podemos notar no álbum: “O Descobrimento do Brasil”, de 1993. No entanto, o grande diferencial desse momento é que já podemos perceber uma luz em meio à escuridão, tal qual no mesmo álbum ela é identificada.

Só por hoje  
eu não quero mais chorar  
Só por hoje  
eu espero conseguir  
Aceitar  
o que passou o que virá  
Só por hoje vou me lembrar que sou feliz.

Hoje já sei que sou, tudo que preciso ser  
Não preciso me desculpar, e nem te convencer  
O mundo é radical,  
Não sei onde estou indo  
Só sei que não estou perdido  
Aprendi a viver, um dia de cada vez,  
Só por hoje  
eu não vou me machucar  
Só por hoje  
eu não quero me esquecer  
Que há algumas pouco vinte quatro horas  
Quase joguei, a minha vida inteira fora.

Não não não não  
Viver é uma dádiva fatal  
No fim das contas, ninguém sai vivo daqui mas  
Vamos com calma!  
Só por hoje  
eu não quero mais chorar  
Só por hoje  
eu não vou me destruir  
Posso até, ficar triste se eu quiser  
É só por hoje, ao menos isso eu aprendi.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Designação do período mais repressivo da ditadura militar no Brasil, tendo início em 1968, com a edição do AI-5 em 13 de agosto daquele ano, até o final do governo Médici, em março de 1974.

<sup>20</sup> Legião Urbana. **Só por hoje**. Álbum “O descobrimento do Brasil”. OMI-ODEON, 1993.

É evidente um determinado “conformismo” em relação à situação do país em termos gerais, no qual as mudanças que realmente refletem um lugar melhor de se viver não ocorrem. Quando Renato diz: “Hoje já sei o que sou, tudo que preciso ser”, notamos que uma nova postura estética já foi internalizada, definida e exposta, sendo que ninguém deteria o poder de privatização desse direito. Perpassa também a ideia de paciência ao esperar dias melhores, isso mostra o surgimento de esperança em meio à tempestade que começa a abrandar e mostrar os reflexos de luz na década de 1990.

Renato expressa um olhar peculiar da sociedade, sobretudo a juventude exposta a mudanças, restrições e inovações, rupturas e continuidades. Tal sociedade agora sujeita a novas formas de pensar, novas formas de se comportar e de atuar socialmente, visto que passa a se concentrar no indivíduo, no tempo presente e nas novas relações. O jovem se configurava dessa forma, estabelecendo um vínculo muito próximo ao que era propagado na música e apropriando-se dela como uma nova forma de se portar perante a sociedade.

Os integrantes do grupo Legião Urbana tiveram vivências no meio Urbano. Renato Russo por sua vez apropria-se notavelmente da temática urbana e social, como desigualdades, preconceito, uso de drogas, violência policial, violência urbana, outros vícios, relações amorosas, sexualidade, dentre outras. Todas elas constituem temáticas presentes no cotidiano das pessoas que eram internalizadas e discutidas na música e nos meios de comunicação. Mesmo direcionando suas composições à cidade de Brasília, Renato trata de questões que seriam discutidas no país inteiro e comportamentos que também seriam modificados de maneira generalizada.

Quando criança só pensava em ser bandido  
Ainda mais quando com um tiro de soldado o pai morreu  
Era o terror da cercania onde morava  
E na escola até o professor com ele aprendeu  
la pra igreja só pra roubar o dinheiro  
Que as velhinhas colocavam na caixinha do altar

Sentia mesmo que era mesmo diferente  
Se ntia que aquilo ali não era o seu lugar  
Ele queria sair para ver o mar  
E as coisas que ele via na televisão  
Juntou dinheiro para poder viajar  
De escolha própria escolheu a solidão  
(...)

Mas ele não queria mais conversa  
E decidiu que como Pablo ele iria se virar

Elaborou mais uma vez seu plano santo  
 E sem ser crucificado a plantação foi começar  
 Logo, logo os maluco da cidade  
 Souberam da novidade  
 Tem bagulho bom aí!

E o João de Santo Cristo ficou rico  
 E acabou com todos os traficantes dali  
 Fez amigos, frequentava a Asa Norte  
 la pra festa de Rock pra se libertar<sup>21</sup>

Os trechos de “Faroeste Caboclo” expõem claramente uma sociedade presa à solidão, sentimento pessimista que denota a falta de apoio em meio a tempos de crise. A ditadura era uma prisão literal, e mesmo tendo “passado” no fim da década de 80, teria impregnado uma grande falta de liberdade. A violência que existe nas ruas não é diferente do que se vê na política e nas mãos dos seus representantes através de ações e de noticiários na própria mídia.

Ainda me lembro aos três anos de idade  
 O meu primeiro contato com as grades  
 O meu primeiro dia na escola  
 Como eu senti vontade de ir embora  
 Fazia tudo que eles quisessem  
 Acreditava em tudo que eles me dissessem  
 Me pediram pra ter paciência  
 Falhei  
 Gritaram: - cresça e apareça!  
 Cresci e apareci e não vi nada  
 Aprendi o que era certo com a pessoa errada  
 Assistia o jornal da TV  
 E aprendi a roubar pra vencer  
 Nada era como eu imaginava  
 Nem as pessoas que eu tanto amava  
 Mas e daí, se é mesmo assim  
 Vou ver se tiro o melhor pra mim

Me ajuda se eu quiser, me faz o que eu pedir  
 Não faz o que eu fizer  
 Mas não me deixe aqui  
 Ninguém me perguntou se eu estava pronto  
 E eu fiquei completamente tonto  
 Procurando descobrir a verdade  
 Nos meios das mentiras da cidade  
 Tentava ver o que existia de errado  
 Quantas crianças Deus já tinha matado

Beberam o meu sangue e não me deixam viver  
 Têm o meu destino pronto e não me deixam escolher  
 Vêm falar de liberdade pra depois me prender

---

<sup>21</sup> Legião Urbana. **Faroeste Caboclo**. Álbum “Que país é este”. OMI-ODEON, 1987.

Pedem minha identidade pra depois me bater  
Tiram todas as minhas armas  
Como posso me defender?  
Vocês venceram essa batalha  
Quanto à guerra  
Vamos ver<sup>22</sup>

Assim como em “Faroeste Caboclo”, a música “Tédio” reforça a mesma ideia de crítica à falta de liberdade. Renato Russo trata de como era imposto um comportamento restrito que impunha uma ideologia a ser seguida, estilo de roupa a ser usado e até o tipo de música que deveria ser curtida no momento. No entanto, quando ele destaca: “Vêm falar de liberdade pra depois me prender, pedem minha identidade pra depois me bater, tiram todas as minhas armas, como posso me defender?”, a hipocrisia era evidente ao ser pregada a liberdade de crenças, de valores e de comportamento, mas ao mesmo tempo não se pode sair da regularidade. Caso isso aconteça, não é perdoada a punição, não havendo a quem recorrer.

As igrejas, assim como as escolas, eram invadidas pelas fraudes. A falta de respeito também estava presente, de modo que se tais instituições não ofereciam uma esperança de um futuro melhor, então quem os proferia? O jovem perdido no espaço desejava uma saída para isso tudo, e o único meio que parecia ser válido seria dar um salto fora dessa realidade imutável, talvez remetendo à cultura de outro país ou até mesmo imigrando para ele.

O destino de muitos era recorrer ao tráfico de drogas e a prostituição, principalmente o tráfico, que apresentava um crescimento cada vez maior. Já a classe média alta favorecia-se do consumo dessas drogas mesmo de forma muito discreta, pois a sociedade em si detinha valores e leis que condenavam a prática. A revista *Veja*, em uma entrevista publicada em Janeiro de 1985 aos pais de jovens que assistiram ao show de rock da banda “Barão vermelho”, destaca que não queriam deixar sua filha assistir ao Rock in Rio porque haveria muito tumulto e facilidade de drogas<sup>23</sup>. Os pais desses jovens se preocupavam em deixar seus filhos irem para as danceterias, onde ficariam à mercê dessas drogas e amigos que os influenciariam.

---

<sup>22</sup> Legião Urbana. **Tédio**. Álbum “Que país é este”. OMI-ODEON, 1987.

<sup>23</sup> VEJA. São Paulo. 02 de Janeiro de 1985, nº852, 40p.

“Sinal dos tempos. No universo musical Brasileiro dos anos 80, mudou tudo: o rock saiu dos porões para a sala de jantar, desceu do palco e foi para a pista de dança, perdeu o sotaque inglês e adquiriu alegria. Tem o cheiro e gosto da juventude brasileira, mas não se presta a nenhuma cruzada nacionalista. Convive otimamente com o samba, e não quer brigar com a geração dos mais velhos.”(...) “Foi nesse mapa musical um tanto estagnado que nasceu, cresceu e começou a ouvir música a primeira geração de brasileiros formada no rock. De início o rock brasileiro não passava de pálida imitação das matrizes estrangeiras dos anos 60. Não só a música que se produzia era copiada como a cultura que a acompanhava era uma desajeitada imitação dos rituais da geração Woodstock. Mas aos poucos ela foi obtendo o seu próprio passaporte, tanto na música quanto no dia-a-dia. Hoje ela já tem rosto e histórias próprias.”<sup>24</sup>

A mídia noticiava os eventos noturnos do país, o estilo musical que se encontrava em destaque na década de 1980, momento esse que o rock nacional entrava com força, na tentativa de substituir o rock internacional e os grandes nomes da música tradicional que apresentavam sinal de cansaço. Como notícia, a *Veja*, “Sem comprar briga com ninguém, o rock nacional vai alegremente ocupando espaço no mapa musical do país. Ele é o reflexo sonoro dos anos 80”.<sup>25</sup>

Tranquilamente, o rock nacional passa por um processo de transformação adquirindo uma forma própria, nem sempre se desvinculando totalmente do rock internacional, como podemos perceber na semelhança por exemplo de alguns álbuns da Legião com algumas bandas pós-punk internacionais. No entanto, ela já demonstra aspectos diferentes, que chamam a atenção dos ouvintes, até mesmo aqueles que não eram fãs de rock. “Me acostumei a gostar de rock de tanto ouvir as músicas de Patrícia”, diz pai em entrevista.<sup>26</sup>

Em “Faroeste Caboclo”, música colocada anteriormente, é notável a utilização do rock por parte desses jovens, na tentativa de se “libertar”: se libertar dos velhos padrões, do tédio da cidade, das repressões implícitas e das injustiças governamentais. Brasília, a cidade propriamente dita do nascimento da Legião Urbana, onde a banda se desenvolveu e Renato Manfredini escrevia suas composições, é ao mesmo tempo palco de decisões e controvérsias políticas. Muito próximo dessa realidade, marcado por sentimentos pessimistas inquietantes, Renato, em toda sua discografia, faz crítica à política vigente que de Brasília controlava o país.

---

<sup>24</sup> VEJA. São Paulo.02 de Janeiro de 1985, n°852,36p.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Ibidem.p.40.

No entanto, ao passo que Renato se preocupa sobretudo em questionar tais condições, em especial na década de 1980, o mesmo não se permite dar ênfase às políticas públicas que estavam sendo aplicadas, também ao que estava entrando de novo na cultura do país e absorvido no mesmo. E por que em vez de tratar demasiadamente no jovem desesperançoso, revoltado com a política, no jovem traficante, badernador, usuário de drogas, não pensar no jovem que poderia fazer alguma diferença na sociedade?

Por que não pensar no jovem que apresentaria alternativas para o desenvolvimento do país, o jovem que estava preocupado com a educação, e também não menos importante, no jovem que estava absorvendo a música, notavelmente nessa época o Rock nacional? Conforme as revistas do período, este jovem saía para as noitadas em busca de prazer e distração e realmente conseguia se divertir. Conseguiram também colocar em destaque aquela música que estavam curtindo e empreenderem em uma luta em movimentos sociais que trabalhavam em cima dos seus direitos a serem expandidos cada vez mais.

Não apenas a família de Renato Manfredini, mas toda a sua banda e a elite jovem que frequentava as boates na década de 80 e 90, que até mesmo virava destaque nacional nas revistas, realizavam uma crítica social. No entanto, não eram prejudicados diretamente e tinham seu conforto e necessidades supridas por sua família rica. Esse incômodo seria o desejo de se realizar enquanto jovem libertário, que queria impregnar seu ponto de vista próprio com o objetivo de causar uma viralização do pensamento juvenil a favor de um certo modo de ser.

Outra vertente de questionamento é por que essas questões de crítica à política vigente não se estendem sob o mesmo enfoque na década de 1990, se esses problemas não estiveram resolvidos? Mesmo com um momento esperançoso aparecendo nessa nova década, o tom pessimista da vida permanece impregnado na cidade, mas agora ele é sobreposto principalmente nos relatos sentimentais que marcam as letras do Legião Urbana nos álbuns “V”(1991), “ O Descobrimento do Brasil”(1993), “A tempestade”(1996) e “Uma outra estação”(1997).

## CAPÍTULO 2 - URBANIDADE E LEGIÃO: cantar música urbana

Desenho toda a calçada  
 Acaba o giz, tem tijolo de construção  
 Eu rabisco o sol que a chuva apagou  
 Quero que saibas que me lembro  
 Queria até que pudesses me ver  
 És parte ainda do que me faz forte  
 E, pra ser honesto  
 Só um pouquinho infeliz  
 (Legião Urbana, Giz, 1993)

### 2.1. Aspectos da cidade: o meio “urbano”

Fazei com que eu chegue são e salvo  
 Na casa da Noélia  
 Fazei com que eu chegue são e salvo  
 Na casa da Noélia

Nonô Nonô Nonô Nonô... (4x)

Nossa Senhora do Cerrado  
 Protetora dos pedestres  
 Que atravessam o eixão  
 Às seis horas da tarde  
 Fazei com que eu chegue são e salvo  
 Na casa da Noélia  
 Fazei com que eu chegue são e salvo  
 Na casa da Noélia

Nonô Nonô Nonô Nonô...<sup>27</sup>

Três amigos, vindos de um determinado horizonte, caminhando lentamente sobre os espaços do Planalto Central, representaria a cena de “Travessia do Eixão”, última faixa do álbum intitulado “Uma outra estação” da Legião Urbana, no qual foi lançado após a morte de Renato Manfredini Júnior. “Travessia do Eixão” guarda a discussão de uma temática presente em toda a discografia da Legião, que são os aspectos em torno da “urbanidade”. Sendo o ponto central da banda, o “urbano” é vivenciado na metrópole que é Brasília, mas ao ser discutido por Renato, entrelaça e

<sup>27</sup> Legião Urbana. **A travessia do Eixão**. Álbum “Uma outra estação”. OMI-ODEON, 1997.

se refere sutilmente às outras metrópoles e capitais brasileiras, como São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro.

Brasília era o eixo central, no qual atravessavam as cidades-satélites. Sendo assim, atravessar esse “eixo” significaria estabelecer relações constantes com essas cidades, que estariam interligadas em diversos sentidos. A falta de segurança e o crescimento da marginalidade que as mesmas apresentavam intimidava a população que queria usufruir da liberdade de poder sair na rua sem a preocupação com horários ou com seus pertences. Também buscavam o direito de escolha dos lugares que desejavam frequentar, mas que em vista do perigo não o faziam. Isso levava essas pessoas guardarem o medo de sair de casa e não voltar mais, ou como supõe “A travessia do eixão”, não chegar em paz no lugar programado.

O “urbano” representa o signo da Legião Urbana, nome esse escolhido para fazer relação direta aos aspectos de urbanidade em nosso país. Ao pedir proteção a nossa senhora do cerrado, Renato diz que é a protetora dos pedestres, direcionando a atenção aos que percorrem a cidade no seu cotidiano. São pessoas do asfalto, que nele vivenciam diferentes experiências em múltiplas cidades. As composições da Legião tratam das expressões discursivas dessas múltiplas cidades pelas quais a banda passou e carregou junto de si os novos olhares e dimensões que as pessoas construíram em torno delas e, simultaneamente, elas modificaram as pessoas.

“Mas, sobretudo, a cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam. Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos.”<sup>28</sup>

Brasília, junto com outras cidades brasileiras, formam um conjunto urbano e social no qual a música da década de 1980 e 1990 representa. Essas cidades e suas identidades redefinem o aspecto urbano do país, e a música traduz a sua

---

<sup>28</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** In: Revista Brasileira de História, (53) jan.-jun, 2007, p.11.

constante construção, que envolve seu aspecto físico, ideológico e suas práticas. Esse processo de construção resulta na formação de inúmeras cidades que se modificam de acordo com os fatores sociais, políticos e culturais de cada lugar. Por isso cada um desses fatores implica de forma profunda na construção e modificação dessas cidades, por sua vez refletidas no rock nacional.

Em cima dos telhados as antenas de TV tocam música urbana,  
 Nas ruas os mendigos com esparadrapos podres  
 cantam música urbana,  
 Motocicletas querendo atenção às três da manhã -  
 É só música urbana.

Os PMs armados e as tropas de choque vomitam música urbana  
 E nas escolas as crianças aprendem a repetir a música urbana.  
 Nos bares os viciados sempre tentam conseguir a música urbana.

O vento forte, seco e sujo em cantos de concreto  
 Parece música urbana.  
 E a matilha de crianças sujas no meio da rua -  
 Música urbana.  
 E nos pontos de ônibus estão todos ali: música urbana.

Os uniformes  
 Os cartazes  
 Os cinemas  
 E os lares

Nas favelas  
 Coberturas  
 Quase todos os lugares.

E mais uma criança nasceu.  
 Não há mais mentiras nem verdades aqui  
 Só há música urbana.  
 Yeah, Música urbana.  
 Oh Ohoo, Música urbana.<sup>29</sup>

A cidade é o retrato real ou imaginário, cópia autêntica e detalhada das vivências de uma determinada sociedade. Os aspectos que a envolve resultam na transformação das pessoas, dos seus valores, dos meios de sobrevivência e do padrão de vida dos mesmos. Em música urbana 2, Renato utiliza muitos desses aspectos no qual ele mesmo toma posição e os critica. No entanto, a temática principal dirigida por ele se dá na condição do que vem a ser urbano, ou o que poderia ser identificado como urbano. Diante dessa colocação vem à tona o que

<sup>29</sup> Legião Urbana. **Musica Urbana 2**. Álbum. "Dois". OMI-ODEON, 1986.

seria a tal cidade urbana, que poderia desmembrar diversas cidades, cada uma delas funcionando de diferentes formas, mas sob aspectos comuns.

Música urbana 2, lançada em 1986 no LP “Dois” da Legião urbana, chama a atenção direta para a característica urbana. É uma música na qual já podemos perceber detalhadamente a descrição dos vários ambientes da cidade, como por exemplo as ruas e seus constantes habitantes, dentre eles os mendigos que dia após dia se encontram até mesmo em grande número dentro da cidade, principalmente nos grandes centros urbanos, que embora possuam muitas oportunidades de trabalho, acabam comportando também um considerável número de pessoas que não tem para onde ir, não tem trabalho e o devido sustento.

“O Brasil enfrenta novos desafios em uma situação difícil. Quase não é preciso lembrar que a opção pelo crescimento desordenado e a concentração de renda produziram efeitos sociais devastadores. A urbanização, que em parte resultou no “inchaço” das grandes cidades, agravou problemas de transportes, de saneamento básico, da poluição do ar etc etc. As cidades se tornaram o foco mais dramático da insegurança, da criminalidade, onde a infância abandonada fica exposta com maior cruzeza.”<sup>30</sup>

Ao citar “os mendigos usando esparadrapos podres” ouvindo música urbana, Renato pode realizar uma crítica em torno da precariedade dessas cidades, lugar onde o desenvolvimento convive junto com a pobreza, criando a imagem de uma cidade que passa por uma crise econômica e que enfrenta um desequilíbrio estrutural em relação às condições socioeconômicas, condições essas que acabam por assustar principalmente a população jovem que se encontra desempregada, ou que termina os estudos e não encontra uma alternativa segura para se sustentar e construir seu futuro digno.

Da mesma maneira, quando ele escreve: “E a matilha de crianças sujas no meio da rua - Música urbana”, nota-se presente na cidade a falta de preocupação com as pessoas que irão se tornar o futuro da nação, são elas as crianças, que ao crescerem já são expostas às péssimas condições que posteriormente podem resultar em um futuro desastroso no tráfico e na violência. “O vento forte, seco e sujo em cantos de concreto. Parece música urbana.” Evidencia o clima histórico do período, que parte das duras repressões do governo até sua crescente corrupção que acaba pela falta de esperanças em relação a grandes mudanças, de modo que

---

<sup>30</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 3ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p.554.

o clima da cidade se torna seco, tenso e cheio de frustrações, com tanta sujeira e injustiças.

Moramos na cidade, também o presidente  
E todos vão fingindo viver decentemente  
Só que eu não pretendo ser tão decadente não

Tédio com um T bem grande pra você

Andar a pé na chuva, às vezes eu me amarro  
Não tenho gasolina, também não tenho carro  
Também não tenho nada de interessante pra fazer

Tédio com um T bem grande pra você

Se eu não faço nada, não fico satisfeito  
Eu durmo o dia inteiro e aí não é direito  
Porque quando escurece, só estou a fim de aprontar

Tédio com um T bem grande pra você<sup>31</sup>

Brasília mantém a forma de “Cidade Modelo” em virtude de ter sido projetada e se tornar centro das decisões do país, como é mantida até nossos dias. No entanto, já nos anos 80 era alvo de críticas em torno da sua constituição, envolvendo fatores estruturais, sociais e até mesmo culturais. Em “Tédio com o T bem grande pra você”, Renato deixa subentendido que o lugar onde mora o presidente não apresentava uma realidade tão diferente de outras cidades periféricas. Na realidade ela se constituía uma cidade imaginária com um modelo de organização a ser imitado, porém, um lugar onde todos “fingiam” viver decentemente e com muitas lacunas a serem preenchidas.

Quando Renato fala do andar a pé na chuva remete às práticas da cidade, ao asfalto, aos meios de transportes e à constante movimentação das pessoas. Mas além de destacar essas práticas, ele as coloca no sentido de dar ênfase ao “clima” da cidade, que segundo ele não apresenta boas perspectivas. “Não tenho gasolina, também não tenho carro. Também não tenho nada de interessante pra fazer. Tédio com um T bem grande pra você. Se eu não faço nada, não fico satisfeito. Eu durmo o dia inteiro e aí não é direito. Porque quando escurece, só estou a fim de aprontar.” O jovem não tem as condições e nem os meios para usufruir, e sem “nada” de interessante pra fazer, ele procura alternativas para satisfazer seus desejos, como o

---

<sup>31</sup> Legião Urbana. **Tédio com o T bem grande pra você**. Álbum “Que país é este”. OMI-ODEON, 1987.

consumo de drogas, bebedeiras, invasão de festas, que inclusive lhe permitiam curtir o rock e conseqüentemente sanar o tédio da cidade.

## **2.2. Jovens, política, violência, e criminalidade: O meio Urbano e seus males reais.**

Vamos celebrar  
A estupidez humana  
A estupidez de todas as nações  
O meu país e sua corja  
De assassinos covardes  
Estupradores e ladrões

Vamos celebrar  
A estupidez do povo  
Nossa polícia e televisão  
Vamos celebrar nosso governo  
E nosso estado que não é nação

Celebrar a juventude sem escolas  
As crianças mortas  
Celebrar nossa desunião

É assim, de forma brusca e direta que Renato chama a atenção para o aspecto responsável pelo controle e organização interna e externa do país, a política vigente. Um momento que atravessa o fim da guerra fria e da divisão do mundo em dois blocos é também recheado de expectativas em relação ao ideário liberal que acabara de ascender. Até então as forças para restabelecer os desajustes ainda são poucas e Renato critica a estupidez das nações e das pessoas que causaram e causam tais desajustes econômicos e sociais.

O que ele faz referência não se trata apenas do crescimento da marginalidade, da violência praticada dentro da sociedade, que de fato existe, mas também da marginalidade dentro da própria Brasília, dentro da presidência, senado, e todos os outros responsáveis por embolsar o dinheiro público em vez de aplica-lo de forma correta na educação, por exemplo. Como critica Renato, a falta de escola pra os jovens. Quando cita: “Vamos celebrar nosso governo e nosso estado que não é nação”, de forma irônica ele indica que os brasileiros acabam por aplaudir tudo

isso, inclusive o fato de existirem práticas contrárias à democracia que deveria ser evidenciada pós fim da ditadura.<sup>32</sup>

Vamos comemorar como idiotas  
A cada fevereiro e feriado  
Todos os mortos nas estradas  
Os mortos por falta de hospitais

Vamos celebrar nossa justiça  
A ganância e a difamação  
Vamos celebrar os preconceitos  
O voto dos analfabetos  
Comemorar a água podre  
E todos os impostos  
Queimadas, mentiras  
E sequestros

Nosso castelo  
De cartas marcadas  
O trabalho escravo  
Nosso pequeno universo  
Toda a hipocrisia  
E toda a afetação  
Todo roubo e toda indiferença  
Vamos celebrar epidemias  
É a festa da torcida campeã

Vamos celebrar a fome  
Não ter a quem ouvir  
Não se ter a quem amar  
Vamos alimentar o que é maldade  
Vamos machucar o coração

São detalhes da situação do Brasil repensados dentro de um estilo musical de sucesso, que é o rock, representando a mentalidade jovem desesperançosa, que ainda aparece na década de 1990.

A partir de 1980 o quadro mudou. Os índices de crescimento declinaram e ocorreram vários anos de crescimento negativo. As medidas recessivas tiveram um alto custo social, refletindo visivelmente nos índices de desemprego, sem conseguir reequilibrar o país. Não por acaso a década de 1980 foi chamada de década perdida. Nesses anos o conjunto de Brasileiros, principalmente assalariados, se tornou mais pobre. Entre 1989 e 1990, os empregados com carteira assinada tiveram uma queda de rendimento médio de 19,7%; em setembro de 1990, o salário mínimo era 35,7% menor do que no mesmo mês de 1989.(...)  
Apesar do impressionante avanço industrial no curso de três décadas, a longa recessão da indústria e da economia como um

<sup>32</sup> Após o término do regime autoritarista, a democracia não foi estabelecida diretamente. Muito ainda se faltava até os males do país serem resolvidos democraticamente, por isso podemos dizer que existe apenas uma “situação democrática”.

todo, a partir dos anos 80, deu lugar mais a interrogações e ao pessimismo do que ao otimismo do passado. O quadro recessivo resultou, entre outros fatores, da conjuntura internacional, da crise do estado e das políticas governamentais, aliás fracassadas, com o objetivo de combater a inflação.<sup>33</sup>

Com a economia decrescendo, o índice de desemprego aumentava, conseqüentemente a pobreza se alastrava em todo país, mesmo assim, aparentemente o governo queria mostrar estabilidade e controle. A população por sua vez iludia-se com feriados, com festanças envolvendo comemorações e com o emprego mísero que lhes era oferecido, pois a pobreza apenas aumentava. Mesmo nos grandes centros, que de fato haveria mais oportunidades, era o lugar onde mais se encontrava mendigos nas ruas sem trabalho e sem teto.

Na realidade, como ironiza Renato, o roubo na educação e saúde alastrava-se, faltava escola, hospitais e pessoas as quais poderiam ser de confiança, de modo que a cidade, embora movimentada e populosa, apresentava um ar de solidão. A população sofrendo com estupros, sequestros e as demais violências apresentavam crescimento, também epidemias, impostos e a fome. A mídia sutilmente os “tranquilizava”, por apresentar os feitos, inovações e um aparente desenvolvimento.

Vamos celebrar nossa bandeira  
Nosso passado

De absurdos gloriosos  
Tudo que é gratuito e feio  
Tudo o que é normal  
Vamos cantar juntos  
O hino nacional  
A lágrima é verdadeira  
Vamos celebrar nossa saudade  
E comemorar a nossa solidão

Vamos festejar a inveja  
A intolerância  
A incompreensão  
Vamos festejar a violência  
E esquecer a nossa gente  
Que trabalhou honestamente  
A vida inteira  
E agora não tem mais  
Direito a nada

Vamos celebrar a aberração  
De toda a nossa falta de bom senso

---

<sup>33</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 3ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p.542-543,545-546.

Nosso descaso por educação  
 Vamos celebrar o horror  
 De tudo isto  
 Com festa, velório e caixão  
 Tá tudo morto e enterrado agora  
 Já que também podemos celebrar  
 A estupidez de quem cantou  
 Essa canção

Venha!  
 Meu coração está com pressa  
 Quando a esperança está dispersa  
 Só a verdade me liberta  
 Chega de maldade e ilusão

Venha!  
 O amor tem sempre a porta aberta  
 E vem chegando a primavera  
 Nosso futuro recomeça  
 Venha!  
 Que o que vem é Perfeição!<sup>34</sup>

A veneração à pátria nos meios de comunicação tentava ofuscar os males trazidos desde os governos passados até os atuais, onde a situação permanece a mesma e o povo continua a festejar mês após mês algo que não supria realmente suas necessidades. O voto da população que muitas vezes não sabe nem ler e escrever coloca no poder um político corrupto que roupa o dinheiro a ser investido na educação para todos.

Quando Renato fala “Vamos festejar a violência. E esquecer a nossa gente. Que trabalhou honestamente a vida inteira. E agora não tem mais direito a nada”, notavelmente a questão do direito de poder opinar, de usar seu próprio estilo de roupa, sua música e viver a vida da maneira que entende-se melhor volta à tona. Se sou cidadão trabalhador, isso me daria o direito de determinadas liberdades de ação ou expressão ainda consideradas fora do padrão ético da sociedade.

“Perfeição” é uma composição que se aproxima muito da realidade da década de 1980, onde os males estruturais, sociais e políticos afetaram profundamente o clima urbano brasileiro e o pessimismo era parte da realidade urbana em questão. Quando Renato, no final da sua letra, coloca que “O amor tem sempre a porta aberta. E vem chegando a primavera. Nosso futuro recomeça. Venha! Que o que vem é Perfeição!”, Podemos perceber que as esperanças voltam a aparecer. No entanto, é apenas uma tentativa de tornar algo melhor, pois a

---

<sup>34</sup> Legião Urbana. **Perfeição**. Álbum “O descobrimento do Brasil”. OMI-ODEON, 1993.

situação da violência, dos mais diversos crimes e barbáries, da pobreza e decadência da educação e saúde ainda é totalmente presente, de modo que nem sempre a situação desses jovens brasileiros na década de 90 é pessimista, embora os resquícios da década de 1980 os leve para isso.

No entanto, é importante destacar que Renato Russo encontra-se inserido dentro de uma família de classe média. A desigualdade econômica é fator predominante nessas cidades, no qual os ricos e de classe média partilhavam de uma realidade diferente do restante da população. Estes detinham a oportunidade de usufruir de boas condições enquanto o restante da população sofre mais diretamente com os males que permeiam o meio urbano. Os problemas da cidade são iminentes e as questões urbanas percorrem não apenas os noticiários do país, mas também o cotidiano das pessoas que procuram de alguma forma saná-las ou conviver com tais da melhor forma possível.

Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia.<sup>35</sup>

É evidente a reflexão das condições urbanas dentro da sociedade. Os problemas existenciais adentram a mentalidade juvenil de modo que a cidade acaba por tomar a sua forma. Ela reflete os sentimentos mais profundos que habitam nas pessoas em um determinado momento. A banda Legião Urbana enquanto ainda composta por Renato Manfredini Júnior destacou os aspectos urbanos e as expressões de angústia, medo e revolta principalmente na década de 1980, época em que o país passava por um complicado atravessamento político pós-ditadura militar. Em um misto de urbanidade e cartografias sentimentais, essas composições representavam as vivências do meio urbano intercaladas com sentimentos de inquietação guardados na geração jovem da década de 1980 e 1990.

---

<sup>35</sup> PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** In: Revista Brasileira de História, (53) jan.-jun,2007,4p.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A banda Legião Urbana trata-se de uma expressão discursiva sobre as múltiplas cidades pelas quais seus integrantes passaram, faz jus à escolha do próprio nome. Legião, palavra derivada de um grande ajuntamento de pessoas, também pode estabelecer relação com anjos, dependendo do contexto a ela inserido. O termo Legião poderia ter sido escolhido para referenciar os próprios integrantes da banda, que seriam como os anjos urbanos ou anjos da cidade, mas também poderia se referir ao grande “ajuntamento” de pessoas, mais notavelmente os jovens do espaço urbano, que se apropriam dele e ao mesmo tempo o discutem.

O termo “Urbana” faz relação às vivências no asfalto, e tudo relacionado à cidade em si, seja de forma literal ou idealizada. As práticas da cidade estão incluídas no espaço urbano, elas também compõem os fatores que são discutidos e criticados na música. O jovem que mora na cidade movimenta-se nela de forma cada vez mais brusca. Ele modifica o espaço, apropriando-se dele principalmente através de seus meios, e é a partir da constituição da cidade e seu desenvolvimento que as pessoas conseguem sua produtividade e desenvolvimento.

Podemos perceber nas letras da Legião Urbana que trata de urbanidade, que esses jovens abalam e modificam sim o espaço urbano que é posto sob a forma que eles querem enxergar, um espaço de liberdade e crescimento, juntamente a um local prazeroso de se viver. Para isso, é necessário reivindicar seus direitos, como educação, saúde, lazer e isso é colocado de forma constante através de críticas nas letras. Com o tempo as mudanças chegam, mesmo não sendo da forma que gostaríamos, e as transformações do espaço se tornam constantes, obtendo um novo visual.

“Caminhar é ter falta de Lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar- uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a cidade. A identidade fornecida por esse lugar é tanto mais simbólica (nomeada) quanto, malgrado a desigualdade dos títulos e das rendas entre habitantes da cidade, existe somente um popular de passantes, uma rede de estradas tomadas de empréstimo por uma circulação, uma agitação

através das aparências do próprio, um universo de locações frequentadas por um não-lugar ou por lugares sonhados.”<sup>36</sup>

Como podemos ver na música “Travessia do Eixão” citada anteriormente, o “caminhar pela cidade” acontece de forma gradual, às vezes de forma lenta, denotando a espera de dias e momentos melhores, e às vezes de forma intensa, no sentido de reivindicar tais mudanças, mas o importante é que elas ocorram e nos mantenhamos “salvos”. Como destaca Certeau, caminhar é o processo de estar ausente e à procura de um próprio, ao “andar pela cidade” o jovem encontrava o meio de sair daquela realidade e adentrar nas reflexões de outra. Buscava se encontrar dentro da sociedade de forma a ter seus desejos atendidos.

Mas não apenas o jovem detinha a capacidade de modificar a cidade, a própria cidade também adentrava e modificava o jovem, ao passo que causava um sentimento de inquietação em relação às condições existentes. Também à medida que ela se desenvolve, muda o ritmo de vida das pessoas que agora necessitam acompanhá-la. Esse ritmo frenético aumenta a movimentação e circulação de pessoas no asfalto, que fazem daquele ambiente seu meio de sobrevivência e diversão.

Nos Três primeiros discos da Legião na década de 1980, todas essas dimensões da juventude no âmbito da cidade são expostas de forma a apresentar as características do meio urbano e vivências nesse meio. Os discos: “Legião Urbana”, “Dois”, “As quatro estações”, são extremamente “Urbanos”, tratam dos problemas da cidade, das decepções políticas, das práticas da cidade em torno da vida que os jovens dessa geração levava. Porém, a partir da década de 1990, já no lançamento do disco “V”, essas questões urbanas ficam mais discretas, aflorando o sentimentalismo em torno do “eu”, das relações amorosas.

Esse fato pode ter relação com os resquícios do “Aborto Elétrico” no início da década de 1980, que possuíam um peso urbano muito grande em suas composições e a Legião como desdobramento do aborto não deixaria de absorver tal característica. Outro fator colaborador foi o período de efervescência do sentimento político no Brasil por causa do processo de redemocratização, e as cidades eram literalmente a manifestação política, meio pelo qual a divulgação do incômodo da sociedade acontecia juntamente com a mobilização das pessoas.

---

<sup>36</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3 ed. Rio de Janeiro: 1998, p.183.

De tal maneira, essas composições revelam não uma cidade padrão, como Brasília, por exemplo, mas sim cidades múltiplas. A cidade que abriga os males da violência, da fome e da miséria, a cidade que é manipulada através da corrupção política e ganância da parte de seus governantes, a cidade que se movimenta constantemente em um perigoso e acelerado ritmo que acaba modificando profundamente o jovem reflexivo que anseia liberdade e satisfação. Outra cidade é aquela que sofre os maus tratos dos homens, através da modernização e por outro lado a falta de cuidados estruturais. Trazendo à tona tais questões, a banda Legião Urbana transcreve a vivência de um grupo completamente urbano e as experiências que esse grupo obteve ao percorrer as diversas cidades brasileiras na década de 1980. Essas experiências são refletidas no seu modo de agir e pensar, posteriormente são expressas no meio da música na qual se encontram.

Em meio à temática urbana, a juventude das décadas de 1980 e 1990 distribui seus conflitos. Conflitos esses em torno do mundo e em torno do seu mundo, em torno do “ambiente” que constituía a nação e o ambiente em que construía sua vida. Dessa forma, ele começa a apropriar-se de um comportamento absorvido através de todas as mudanças que vem ocorrendo. Acompanhando os meios de comunicação e a mídia em geral, ele já está acostumado com cultura externa, o que envolve seu modo de vestir e até mesmo a escolha do estilo musical. De repente, o palco do MPB é dividido com a nova febre: o rock nacional. Ele surge trazendo uma nova *vibe* que toma conta das emoções dessa geração. Não apenas o lado emocional é afetado, mas o lado crítico e sensível diante das inquietações existentes.

A Legião surge provocando ainda mais essas mentes conflituosas e intrigantes, cheias de novas ideias a expor e reivindicar após um tenso momento conservador. Renato Manfredini Júnior, fundador, cantor e compositor da banda representa veementemente essa mentalidade jovem do rock. Muito embora deixe algumas dúvidas a respeito de sua opinião pessoal, ele traduz o período de forma a entendermos que nem sempre a euforia do rock foi lazer, liberdade e tranquilidade, mas sim repleta de problemas, em sua grande maioria, insolucionáveis.

Tal situação cria e corrobora para o clima pessimista e desesperançoso em grande parte de sua discografia, de fato como existiu na época. Não menos importante, essa percepção nos permite adentrar a criticidade de um período

histórico, para assim desenvolver conclusões plausíveis a cerca da nossa história através de um dos mecanismos mais importantes de expressão universal: a música.

## REFERÊNCIAS

### a) Livros, Capítulos de Livros, Artigos de Revistas

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ADORNO, S. **Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea**. *Jornal de Psicologia-PSI*, n. Abril/Junh, 2002, p. 7-8.

ALVES, Luciano Carneiro. “Canções para a diversidade: Renato Russo celebra Stonewall (1994)”. In CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; MONTEIRO, Jaislan Honório (eds.). **História, arte e invenção: narrativas da história**. Teresina: EDUFPI, 2012, p. 147-158.

BATISTA, Juliana Wendpap. “Pensando a música no tempo: reflexões sobre a pesquisa em história e música entre os séculos XX e XXI”. In NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; MEDEIROS, Hermano Carvalho (eds.), **História & Música Popular**. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 13-41.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. Trad. Carlos Moisés e Ana Maria Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. São Paulo: FGV, 2006. p. 183-191.

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2004.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História - novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3 ed. Petrópolis, Vozes: 2003 (3ª edição). Rio de Janeiro: 1998.

CONVERSAÇÕES **com Renato Russo**. Campo Grande: Letra Livre Editora, 1996.

DAPIEVE, Arthur. **Brock: o rock brasileiro dos anos 80**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

DAPIEVE, Arthur. **Renato Russo: o trovador solitário**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEFEBVRE, H. **Introdução à modernidade: prelúdios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. 3 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; Medeiros, Hermano Carvalho (org.). **História e música popular**. Teresina: EDUFPI, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. In: Revista Brasileira de História, (53) jan.-jun,2007.

\_\_\_\_\_. **Cultura e representações: uma trajetória anos 90**. Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. **Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história**. Estudos históricos,1(32), Rio de Janeiro, CPDOC/FGV,2002.

\_\_\_\_\_. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social: estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RUSSO, Renato. **Renato Russo de A a Z: as ideias do líder da Legião Urbana**. Campo Grande: Letra Livre Editora, 2000.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **Nos acordes da Legião: juventude, política e urbanidades (anos 1980)**. CONLAB - XII Congresso Luso Afro Brasileiro e 1º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa, 1 a 5 de Fevereiro de 2015.

SKIDMORE, Thomas. **Uma história do Brasil**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

## **b) Monografias e Dissertações**

ALVES, Luciano Carneiro. **Flores no deserto: a Legião Urbana em seu próprio tempo**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia, Brasil, 2002.

MEDEIROS, Hermano Carvalho. **Acordes na cidade: Música Popular em Teresina nos anos 1980**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Piauí Teresina. Piauí, Brasil, 2013.

NERY, Emília Saraiva. **Devires na música popular brasileira: as aventuras de Raul Seixas e as tensões culturais no Brasil dos anos 1970**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí. Teresina, Brasil 2008.

ROCHEDO, Aline do Carmo. **“Os filhos da revolução”: a juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, Brasil, 2011.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e uma contra-história da tropicália**. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Brasil, 2004.

## C) Revistas

VEJA. São Paulo. 02 de Janeiro de 1985, nº852.36-40p.

## FONTES

### a) Discografia/ Músicas

Legião Urbana. **Será**. Álbum “Legião Urbana”. OMI-ODEON, 1985.

Legião Urbana. **A dança**. Álbum “Legião Urbana”. OMI-ODEON, 1985.

Legião Urbana. **Por enquanto**. Álbum “Legião Urbana”. OMI-ODEON, 1985.

Legião Urbana. **Teorema**. Álbum “Legião Urbana”. OMI-ODEON, 1985.

Legião Urbana. **Tédio com o T bem grande pra você**. Álbum “ Que país é este”. OMI-ODEON, 1987.

Legião Urbana. **Musica Urbana 2**. Álbum. “Dois”. OMI-ODEON, 1986.

Legião Urbana. **Faroeste Caboclo**. Álbum “Que país é este”. OMI-ODEON, 1987.

Legião Urbana. **Tédio**. Álbum “Que país é este”. OMI-ODEON, 1987.

Legião Urbana. **Perfeição**. Álbum “O descobrimento do Brasil”. OMI-ODEON, 1993.

Legião Urbana. **Só por hoje**. Álbum “O descobrimento do Brasil”. OMI-ODEON, 1993.

Legião Urbana. **Giz**. Álbum “O descobrimento do Brasil”. OMI-ODEON, 1993.

Legião Urbana. **A travessia do Eixão**. Álbum “Uma outra estação”. OMI-ODEON, 1997.

### b) Entrevista

ENTREVISTA da MTV à Renato Russo. Vídeo postado no youtube por Legião Urbana e Grandes Artistas em 23 de mar de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8S3tNW3tY8>. Acesso em: 13 de janeiro de 2016.

ENTREVISTA da MTV realizada por Zeca Camargo à Renato Russo, em 26 de Março de 1993. Vídeo postado no youtube por Legião Urbana e Grandes Artistas em 27 de mar de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mvP2LzTpfjw>. Acesso em: 13 de janeiro de 2016.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- Tese
- Dissertação
- Monografia
- Artigo

Eu, **MOHANA JÉSSICA ARAÚJO DAMASCENO**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **ACORDES LEGIONÁRIOS: JUVENTUDE, POLÍTICA E URBANIDADES NAS CANÇÕES DO LEGIÃO URBANA NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 01 de outubro de 2019.

*Mohana Jéssica Araújo Damasceno*

---

Assinatura